



Gusmão

Maio de 2020

Catador de grãos da ampulheta

Por Veridiana Domingos Cordeiro

O *tempo*. Um grande enigma para pensadores que atravessaram séculos buscando conceituá-lo, apreendê-lo, explicá-lo. Onde está o tempo? Mora dentro do relógio? Nas colheitas sazonais? Na nossa mente viajante? Na subjetividade de um instante que pareceram horas?

E não é que o confinamento escancarou a questão do *tempo* para todos nós? Aposto que você já se pegou refletindo sobre o *tempo* nesses *tempos* de quarentena. Mesmo sem querer.

“Nossa como me sobra *tempo* agora!”, “Que *dia* é hoje? Já perdi noção do *tempo*”, “Como passa rápido/devagar o *tempo* nessa quarentena!”

A desorganização da rotina habitual que a quarentena trouxe nos colocou em outra perspectiva *temporal*. A diminuição das interações e eventos sociais esgarça o *tempo*. Ele se torna abundante.

Um *día* e dez reuniões. O uso intensivo da tecnologia coloca a *transtemporalidade* na mesa. Conecto-me transespacialmente para dentro da casa dos meus interlocutores. A tecnologia condensa o *tempo* e o espaço.

Já parou para pensar que na história da sua vida esses *três meses* que estamos vivendo (março, abril e maio de 2020) vão representar uma fatia *temporal* infinitamente maior do que março, abril e maio de 2019? O que tanto aconteceu no mundo durante *tempo* para ele ter tanta importância? Ou melhor, como estava o seu mundo mental tentando assimilar tudo isso? O quanto isso vai impactar em nossa memória *futura*?

Outro dia vi a jornalista Mari Palma se emocionar em um programa da CNN, pois se preocupava que estava perdendo *tempo* longe de seus pais durante o confinamento. Cada *segundo* ao lado de quem amamos é significativo, é claro. Mas são *dois meses* de afastamento. *60 dias* apenas. Esse aproveitamento ótimo do *tempo* é uma novidade contemporânea. Há menos de *200 anos* atrás, *dois meses* era o *tempo* que você levava para atravessar o oceano e chegar a outros continentes. E ninguém achava que estava perdendo *tempo*.

E a pseudo-cantora-roteirista-atriz-ex BBB Manu Gavassi que sumiu por *três dias* do Instagram, levando as redes sociais à loucura? *Setenta e duas horas* e uma condenação de semi morte. Afinal, na era da produtividade em que o *tempo* é

comprimido até o sufocamento do último *instante*, estar em suspenso por *três dias* ou *dois meses* é quase uma semi morte.

O potencial *transtemporal* e transespecial das redes nos acostumou mal. Nós queremos mesmo é controlar cada grão de areia que cai da ampulheta. Mas em **tempos** de total incerteza e não controle do *presente* e do *futuro*, a tal proteína envolta em uma camada de lipídio (vulgo, vírus) nos arrancou a ampulheta da mão e com um martelinho estraçalhou a ampulheta. Enquanto caímos ao chão em busca dos grãos de areia, ela voltou, riu, e soprou tudo ao vento.

Lomografia do relógio de Nichile na Praça Antônio Prado no centro de São Paulo que eu registrei em janeiro de 2012:



